

---

**Daxiyangguo**

Portuguese Journal of Asian Studies | Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos

ISSN: 1645-4677 | ISSN-e: 2184-9129 | 2022, Número 28, páginas 51-73

DOI: 10.33167/1645-4677.DAXIYANGGUO2022.28/pp.51-73

---

## Os portugueses (ainda) em Macau: uma comunidade em reconstrução

The Portuguese (still) in Macau: a community in reconstruction

### Inês Branco \*

\* Departamento de Línguas Literaturas e Culturas (DLLC) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal; Email: branco.ines@gmail.com

### RESUMO

Esta pesquisa incide na comunidade portuguesa de Macau e surge na sequência de uma primeira realizada em 2013. Oito anos passados, procuramos saber o que mudou. Em 2013, dois acontecimentos haviam marcado a história recente da comunidade. Um, na região de acolhimento — a entrega do território à República Popular da China, em 1999; outro, no país de origem — a crise económica iniciada em 2008. Atualmente, um novo evento veio juntar-se aos dois anteriores: a pandemia de coronavírus (COVID-19). Será sido este o único novo acontecimento a fazer mudar a vida desta comunidade? Reconstituindo a amostra inicial, feita em 2013, fizemos oito entrevistas, desta vez por escrito, recorrendo ao e-mail. Procurámos fazer um autorretrato da comunidade portuguesa, saber o que mudou desde 2013 e qual o lugar da língua portuguesa e das outras línguas de acolhimento no seio da sociedade macaense.

**Palavras-chave:** imigração; integração; língua de acolhimento; Macau; Pandemia Covid-19

**ABSTRACT**

This research focuses on the Portuguese community in Macau and follows the results of the initial research carried out in 2013. Eight years later, we try to find out what has changed. In 2013, two events had marked the recent history of the community. One, in the host region — the handover of the territory to the People's Republic of China in 1999; another, in the country of origin — the economic crisis that began in 2008. Currently, a new event has joined the two previous ones: the coronavirus pandemic (COVID-19). Was this the only new event that changed the life of this community? Reconstructing the initial sample taken in 2013, we conducted eight interviews, this time in writing, using e-mail. We tried to create a self-portrait of the Portuguese community, to learn what has changed since 2013, and determine the place of the Portuguese community and language in the Macanese society.

**Keywords:** Migration; integration; host languages; Macau; Covid-19 pandemic

**1. Macau**

A Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) foi criada em 1999, abrange a península de Macau e as ilhas da Taipa e de Coloane e é administrada de acordo com o princípio “um país, dois sistemas”, de acordo com a Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau<sup>[1]</sup>, uma espécie de constituição.

De acordo com os artigos 2.º e 5.º da Lei Básica, a China autoriza a RAEM a exercer um alto grau de autonomia e a gozar de poderes executivo, legislativo e judicial independentes, incluindo o de julgamento em última instância, mantendo-se inalterados durante cinquenta anos o sistema capitalista e a maneira de viver anteriormente existentes, ou seja, até 2049.

Com uma área de 11,6 quilómetros quadrados no século XIX, o território ocupa atualmente um total de 32,9 quilómetros quadrados, incluindo as ilhas da Taipa e de Coloane. Tal aumento deve-se a aterros feitos na orla marítima, que expandiram a área da península e ligaram a Taipa a Coloane. A norte, a península de Macau está ligada à China continental, fazendo fronteira com a cidade de Zhuhai, através das Portas do Cerco. A construção inicial, com a data de agosto de 1849, ainda existe, mas já tem por detrás o novo posto fronteiriço, construído em 2004<sup>[2]</sup>. O Governo Popular Central define a área marítima da RAEM em 85 quilómetros quadrados<sup>[3]</sup>.

1. Governo da RAEM, Imprensa Oficial, “Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China”: <http://bo.io.gov.mo/bo/I/1999/leibasica/index.asp> (consultado em 10 de fevereiro de 2022).

2. Idem.

3. Direção dos Serviços de Cartografia e Cadastro: [https://www.dsc.gov.mo/pt/geographical\\_location.html](https://www.dsc.gov.mo/pt/geographical_location.html) (consultado em 10 de fevereiro de 2022).

No final do primeiro trimestre de 2021, a população de Macau era de 682.500 habitantes<sup>[4]</sup> e a densidade demográfica era de 20.745 habitantes por quilómetro quadrado<sup>[5]</sup>.

Quanto à divisão por sexo, o masculino representa 47,4 por cento da população residente e o feminino, 52,6 por cento. A nacionalidade chinesa representa 88,4 por cento da população, enquanto a portuguesa é de apenas 1,4 por cento e a filipina é de 4,6 por cento. A ascendência relaciona-se com a nacionalidade, o que não quer dizer que seja população nascida obrigatoriamente nos países de origem. No caso dos portugueses, existe uma parte da população que nasceu em Macau durante a administração portuguesa e optou pela nacionalidade portuguesa em vez da nacionalidade chinesa. Se contarmos apenas os portugueses nascidos em Portugal, são apenas 0,3 por cento da população<sup>[6]</sup>.

## 2. Os portugueses em Macau

A existência da comunidade portuguesa em Macau remonta ao século XVI. Desde então, como refere João Pina Cabral em “A complexidade étnica de Macau” (Cabral, 1994), *“Macau tem sido coisas muito diferentes, mas uma permaneceu ao longo do tempo - a confrontação de uma pequena, mas contumaz população de cristãos, súbditos do Rei de Portugal, com o espírito plástico e criativo do povo cantonense”*. Ainda nos anos 1990, o investigador referia as muitas mudanças que tinham ocorrido nas duas décadas anteriores no território, que surgia *“perante os nossos próprios olhos como uma nova cidade”*, e previa que as que se seguiriam nas décadas futuras fossem *“pelo menos tão profundas quanto as que podemos observar até hoje”*.

Segundo os dados do Observatório da Emigração (OE) português<sup>[7]</sup>, em 2019, nascidas em Portugal, existiam 2.082 pessoas (0,3 por cento da população de Macau), 46,7 por cento, mulheres, e 53,3 por cento, homens. Com nacionalidade portuguesa, o que não implica terem migrado ou nascido em Portugal, existiam, em 2016, 9.024 pessoas (1,4 por cento da população de Macau).

Como se pode observar no quadro 1, o número de estrangeiros nascidos em Portugal, ou seja, de imigrantes portugueses, na perspetiva de Macau, teve uma queda entre 1996 e 2006. A partir de 2006, começou novamente a

---

4. Direção dos Serviços de Estatística e Census: <https://www.dsec.gov.mo/pt-PT/> (consultado em 10 de fevereiro de 2022).

5. Gabinete de Comunicação Social do Governo da RAEM (consultado em 10 de fevereiro de 2022).

6. Idem.

7. Observatório da Emigração: <http://observatorioemigracao.pt/np4/paises.html?id=147> (consultado em 10 de fevereiro de 2022).

aumentar, tendo uma quebra unicamente em 2017. Tendo em consideração o peso da comunidade no total da população residente, tem-se mantido nos 0,3 por cento, desde 2006.

#### QUADRO 1

Evolução da população residente em Macau, 1991-2019

ANOS	POPULAÇÃO RESIDENTE	RESIDENTES NASCIDOS	
	TOTAL	EM PORTUGAL	
	N	N	% DO TOTAL
2019	640.445	2.082	0.3
2017	622.567	1.616	0.3
2016	650.834	2.011	0.3
2015	602.085	1.960	0.3
2011	552.503	1.835	0.3
2010	538.219	1.790	0.3
2006	502.113	1.316	0.3
2005	482.858	1.848	0.4
2001	435.235	1.616	0.4
2000	427.782	1.594	0.4
1996	414.128	3.852	0.9
1991	355.693	3.625	1.0

Fonte: Observatório da Emigração português.

### 3. Línguas de acolhimento em Macau

Para a comunidade portuguesa, Macau surge como região de acolhimento e o cantonês, o mandarim e o português são, neste contexto, línguas de acolhimento. O cantonês é a língua mais usada no dia a dia em Macau, no entanto, não é língua oficial. Este estatuto foi atribuído ao mandarim, língua oficial de toda a China, e ao português.

O mandarim é considerado língua oficial de Macau desde 1989:

Apesar de nos documentos oficiais a língua referida como oficial ser a língua chinesa (...), subentende-se que o chinês é o mandarim (a língua oficial de toda a China) e não o cantonês

(embora seja a língua materna da maioria da população de Macau); questão problemática, pois apesar de ser uma língua, é tradicionalmente entendida como um dialecto. (Grosso, 1999)

A língua portuguesa é língua oficial da RAEM até 2049, tal como consagrado na Lei Básica, no artigo 9.º: “*Além da língua chinesa, pode usar-se também a língua portuguesa nos órgãos executivo, legislativo e judicial da Região Administrativa Especial de Macau, sendo também o português língua oficial.*”<sup>[8]</sup>

Apesar de as línguas chinesa e portuguesa serem as línguas oficiais, a chinesa é utilizada por mais de 88,4 por cento da população, enquanto o português, por cerca de 2,3 por cento. O inglês é falado por 2,8 por cento e o tagalo, por 3 por cento.<sup>[9]</sup>

O cantonês continua a ter um lugar de destaque em Macau, enquanto língua que mais pessoas sabem falar — segundo o Intercensos 2016<sup>[10]</sup>, 80,1 por cento da população com idade igual ou superior a três anos tinha o cantonês como língua materna. Tal como referido num artigo publicado no jornal Ponto Final, em fevereiro de 2015<sup>[11]</sup> (tendo como fonte a Agência Lusa), o facto de o cantonês ser a voz da população, mas não ser assumidamente considerado uma língua oficial, é uma situação polémica. Citado no artigo, Rui Rocha, académico e estudioso da história, língua e cultura da China, afirma que o Cantonês apenas não é língua oficial “por uma questão política”. O Cantonês é usado nas comunicações do governo da RAEM e é também a língua falada nos respetivos gabinetes, como refere Brian Chan, linguista da Universidade de Macau, no mesmo artigo. A Lei Básica de Macau, ao empregar o termo “língua chinesa”, deixa margem para diferentes interpretações, já que a língua escrita é igual em Cantonês e Mandarim, mas não a falada. O que é também certo é a proliferação cada vez maior do Mandarim em Macau. Se, por um lado, a preservação do Cantonês é importante para a manutenção da identidade macaense, por outro, como lembra Rui Rocha, “o lema do movimento de reforma linguística da China é «Uma nação, um povo, uma língua», o que evidencia como o país não vê com bons olhos a proliferação de outras línguas”.

- 
8. Governo da RAEM, Imprensa Oficial, “Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China”: <http://bo.io.gov.mo/bo/I/1999/leibasica/index.asp> (consultado em 10 de fevereiro de 2022).
  9. Gabinete de Comunicação Social do Governo da RAEM, <https://www.gcs.gov.mo/files/factsheet/geography.php?PageLang=P> (consultado em 10 de fevereiro de 2022).
  10. Intercensos 2016, pgs. 51 e 67: [https://www.dsec.gov.mo/getAttachment/af61b58c-11b3-4467-87d-5-b152d2097cc2/P\\_ICEN\\_PUB\\_2016\\_Y.aspx](https://www.dsec.gov.mo/getAttachment/af61b58c-11b3-4467-87d-5-b152d2097cc2/P_ICEN_PUB_2016_Y.aspx) (consultado em 10 de fevereiro de 2022).
  11. <https://pontofinalmacau.wordpress.com/2015/02/24/cantones-uma-lingua-entre-dois-impérios/> (consultado em 17 de junho de 2022).

#### 4. Os média em Macau

A liberdade de expressão e de imprensa está consagrada na Lei Básica de Macau, no artigo 27.<sup>o</sup>[12]:

Os residentes de Macau gozam da liberdade de expressão, de imprensa, de edição, de associação, de reunião, de desfile e de manifestação, bem como do direito e liberdade de organizar e participar em associações sindicais e em greves.

A Lei de Imprensa (Lei n.º 7/90/M), publicada em agosto de 1990, regula o exercício da liberdade de imprensa e do direito à informação e à atividade das empresas jornalísticas, editoriais e noticiosas.

Em Macau, existem uma estação de televisão e duas de rádio, uma pública e outra privada. A Teledifusão de Macau, S.A. (TDM) possui 12 canais digitais, sendo um deles em português, transmitindo 24 horas por dia. A estação de rádio pública é a Ou Mun Tin Toi, que pertence à TDM e tem dois canais, um em português, a Rádio Macau, e um em chinês, a Ou Mun Tin Toi. A emissora privada é a Rádio Vila Verde.

Em 1822, saiu o primeiro número do Abelha da China, o emblemático jornal português de Macau, o mais antigo do território e o primeiro jornal a ser editado em toda a China. Atualmente, em língua portuguesa, são editados três jornais diários: o Ponto Final, o Jornal Tribuna de Macau e o Hoje Macau. Semanários, existem dois: o Clarim e o Plataforma

Em língua chinesa, existem 13 jornais diários e, pelo menos, 17 semanários. Em inglês, existem dois jornais diários e uma revista, a Macau Business.<sup>[13]</sup>

#### 5. A comunidade portuguesa de Macau: língua e integração

Quando pessoas de diferentes origens culturais entram em contato umas com as outras, podem (ou não) adotar os comportamentos, línguas, crenças, valores, instituições sociais e tecnologias umas das outras. No entanto, precisamente como e em que medida isso ocorre não é simples. Além disso, as consequências deste processo para o bem-estar dos indivíduos não são diretas. As questões decorrentes deste processo foram coletivamente chamadas de *aculturação*, que se refere ao processo de mudança cultural e psicológica que resulta do encontro entre culturas. Intimamente ligada à *aculturação* está a *adaptação*, que se refere ao bem-estar psicológico individual e a como os

12. <https://bo.io.gov.mo/bo/I/1999/leibasica/index.asp> (consultado em 10 de fevereiro de 2022).

13. [https://yearbook.gcs.gov.mo/uploads/yearbook\\_pdf/2020/myb2020pPA01CH17.pdf](https://yearbook.gcs.gov.mo/uploads/yearbook_pdf/2020/myb2020pPA01CH17.pdf) (consultado em 10 de fevereiro de 2022).

indivíduos se comportam socioculturalmente. A adaptação é, portanto, considerada uma consequência da aculturação (Sam & Berry, 2010).

Berry (2001, p. 620) identifica duas dimensões ao longo das quais os imigrantes (re)constróem a sua identidade. A primeira destas dimensões é a identificação com uma herança ou grupo cultural, a manutenção da própria cultura. A segunda é a identificação com a sociedade dominante e o envolvimento com outras culturas. Estes dois aspetos da identidade cultural têm sido referidos pelo autor como *identidade étnica* e *identidade cívica*. Usando essas duas dimensões de identidade, Berry (2001, 2008) identifica quatro estratégias de aculturação: assimilação, integração, separação e marginalização.

A *estratégia de assimilação* define-se quando os indivíduos não desejam manter a sua identidade cultural e buscam a interação diária com a cultura de acolhimento.

Em contraste, a *estratégia de separação* surge quando os indivíduos dão valor a manterem-se fiéis à sua cultura originária e, ao mesmo tempo, evitam a interação com a sociedade mais ampla.

A *estratégia de marginalização* define-se quando há pouca possibilidade, ou interesse, na manutenção cultural (muitas vezes por razões de perdas culturais impostas), e pouco interesse em ter contactos com outros (muitas vezes por razões de exclusão ou discriminação).

Finalmente, a *estratégia de integração* é a opção quando há um interesse tanto na manutenção da sua cultura original como nas interações diárias com outros grupos da sociedade de acolhimento. Neste caso, é mantido um certo grau de integridade cultural, enquanto ao mesmo tempo o indivíduo procura, como membro de um grupo cultural, participar como parte integrante da rede social mais abrangente. O grau de integração do indivíduo na sociedade é tanto maior quanto maior for o grau de participação na rede social mais lata da sociedade de acolhimento. Pelo contrário, é tanto menor quanto os indivíduos preferam manter um maior grau de integridade cultural, ou seja, de ligação à cultura de origem.

Em resumo, na estratégia de integração ambas as identidades, de origem e de destino, se afirmam; na estratégia de marginalização, as pessoas não se sentem ligadas a nenhuma das duas culturas; e nas estratégias de assimilação e de separação, uma cultura é fortemente enfatizada sobre a outra.

Segundo Sam & Berry (2010), a proficiência num segundo idioma e a competência de comunicação são o núcleo de todas as abordagens de aprendizagem cultural e, em última análise, da adaptação sociocultural. As competências linguísticas são relevantes tanto para o desempenho das tarefas diárias na nova sociedade cultural, como para o estabelecimento de relações inter-

personais. As abordagens de aprendizagem cultural pressupõem uma relação direta entre a fluência na língua de acolhimento e a adaptação sociocultural. O domínio dessa língua está associado a uma maior interação com os membros da nova cultura e a uma diminuição na má adaptação sociocultural.

Por seu turno, Bourdieu (1991) diz-nos que a utilização da língua e a competência dos seus falantes expressam relações de poder. As variações no sotaque, na entoação e no vocabulário refletem diferentes posições na escala hierárquica social. Diferenças em termos de sotaque, gramática e vocabulário são indícios da posição social dos falantes e reflexos da quantidade de capital linguístico e de outras formas de capital que estes possuem (Bourdieu, 1991, p.22). Os imigrantes ou comunidades de imigrantes podem ser alvo do exercício do poder simbólico entre a sociedade que domina e a comunidade que se subordina. A questão está em conseguir identificar de que modo é exercido esse poder e de que forma podem as comunidades imigrantes resistir a ele.

O que Bourdieu vem destacar é a importância da língua enquanto capital simbólico como uma dessas formas de resistência. Um imigrante, ao aprender a língua de acolhimento fica em melhores condições de se mover dentro da sociedade que o acolhe, ou seja, quanto maior for o seu capital linguístico, mais habilitado ele está para explorar o sistema de diferenças em seu próprio proveito e assegurar um *capital de distinção* (Bourdieu, 1991, p. 18).

Na pesquisa realizada em 2013 (Branco, 2014), revelei que, no caso da comunidade portuguesa, a parte do *capital linguístico* (Bourdieu, 1991) que se refere especificamente ao conhecimento do cantonês não se revelou importante na aquisição de um *capital de distinção*. No meio social e profissional em que estes imigrantes circulam, a forma como falam, o traquejo e a capacidade de adequarem o vocabulário aos contextos é, tal como em qualquer classe - indivíduos que ocupam funções similares no espaço social, que possuem as mesmas oportunidades na vida -, importante para assegurar *capital de distinção*. No seio da sociedade de Macau em sentido lato, a prosperidade destes imigrantes está muito mais relacionada com a posse de um *capital de conhecimento*, ou seja, qualificações elevadas e diferenciadas. É este o fator que os distingue e lhes permite ocupar um lugar, ter um papel importante em Macau, e assim sentirem que lhe pertencem, não só porque têm uma participação cívica, mas também porque são reconhecidos pela posse desse *capital de distinção*.

## 6. Metodologia

Esta pesquisa, como já referido, surge na sequência de uma outra, realizada em 2013, na comunidade portuguesa de Macau (Branco, 2014, 2017). Começamos por fazer uma revisão de literatura, atualizando os dados estatísticos e

dando particular relevância ao que tem sido publicado recentemente no que à comunidade portuguesa e à língua portuguesa em Macau diz respeito. Assim, esta investigação assume-se com um carácter qualitativo, em que além da atualização de bibliografia, recorreremos ao método de entrevista, seguido de análise de conteúdo.

O método da entrevista, seguida de uma análise de conteúdo, é seguramente o que mais se utiliza em paralelo com os métodos de observação. A sua complementaridade permite, com efeito, efetuar um trabalho de investigação aprofundado que, quando conduzido com a lucidez e as precauções necessárias, apresenta um grau de validade satisfatório. (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 200)

As principais diferenças relativamente a 2013 são: 1) a investigadora já não se encontrar em Macau e, como tal, 2) as entrevistas terem sido realizadas à distância, por e-mail. Isto trouxe vantagens e desvantagens. Começando pelas desvantagens, parece-nos evidente o facto de o investigador não poder conduzir a entrevista. O papel do investigador de reencaminhar a conversa para os objetivos, cada vez que o entrevistado deles se afasta, colocando as perguntas às quais o entrevistado não chega por si próprio, no momento mais apropriado e de forma tão natural quanto possível (Ghiglione & Matalon, 1993; Quivy & Campenhoudt, 1998) foi, desta forma, diminuto. Ainda assim, os entrevistados continuaram a estar à vontade para falar abertamente, com as palavras que desejaram e pela ordem que lhes conveio. Na realidade, a entrevista por e-mail revelou-se vantajosa neste aspeto, já que não houve um limite de tempo para realizá-la. Enquanto presencialmente o investigador agenda uma reunião com o entrevistado e sabe que a entrevista deve durar um determinado tempo, nas entrevistas por e-mail tal não acontece e o entrevistado tem mais tempo para refletir nas respostas. O e-mail com o guião da entrevista foi enviado e os entrevistados tiveram várias semanas para responder. Isto exige um bom planeamento por parte do investigador, para não deixar decorrer demasiado tempo, que poderá escassear depois para a análise de conteúdo e fecho da pesquisa. Todas as entrevistas foram realizadas desta forma: por e-mail e por escrito, nenhuma foi gravada.

A posterior análise de conteúdo permitiu tratar de forma metódica as informações e testemunhos recolhidos. Cada entrevista foi analisada individualmente, seguindo-se uma análise transversal de todas. Tal permitiu a comparação entre os distintos tipos e percursos dos entrevistados.

## 6.1 Guião da entrevista

Na elaboração do guião, procurámos seguir as histórias de vida dos entrevistados nos últimos oito anos, o que implicou a recolha de informação sobre alterações na vida familiar, e a inclusão de uma parte dedicada à segunda geração (filhos).

O guião dividiu-se, assim, nas seguintes partes:

1. Dados pessoais
2. Experiência Migratória
3. Integração na sociedade de acolhimento
  - a) Macau (cidade/região)
  - b) Comunidade
  - c) Relação com Macau
  - d) Línguas
  - e) Pandemia
  - f) Os média
4. Segunda geração
5. Ligação ao país de origem

## 6.2 Definição da amostra

Na criação da amostra, procurámos perfis distintos dentro da amostra de 2013. Para a classe com menos de 30 anos, contactámos novos entrevistados e, para que pudesse haver equilíbrio entre os sexos, respeitando as características do universo de imigrantes portugueses em Macau, entrevistámos algumas pessoas que, não tendo sido entrevistadas anteriormente, pertenciam ao mesmo agregado familiar. A principal dificuldade, depois de definida a amostra, foi encontrar um entrevistado que preenchesse o perfil “homem, com menos de 30 anos”. Embora me tivessem sido fornecidos dois contactos, estes acabaram por não responder à entrevista. Ambos eram jornalistas.

Os critérios usados foram: sexo e idade. Considerando estes critérios, procurámos pessoas que ainda estivessem em Macau e outras que, entretanto, tivessem deixado o território há menos de três anos. Escolhemos também pessoas com e sem filhos. Assim, a amostra final incluiu oito pessoas.

## 7. Resultados

### 7.1 O que mudou em Macau entre 2013 e 2021?

Ao explorar a relação dos entrevistados com Macau, a palavra “liberdade” aparece num contexto negativo, ao contrário do que acontecia em 2013. Os acontecimentos ocorridos em Hong Kong, que começaram em 2014, designa-

**QUADRO 2**

## Constituição da amostra

INICIAIS	SEXO	IDADE	MACAU / NÃO MACAU	C/S FILHOS
D. G.	F	>50	Macau	C
L. H.	M	>50	Não está em Macau	S
T. F.	F	41-50	Macau	C
N. B.	M	41-50	Macau	S
E. T.	F	31-40	Macau	C
Q. T.	M	31-40	Macau	S
J. B.	F	<=30	Não está em Macau	S
N. N.	M	<=30	Macau	S

dos por “Umbrella Movement”<sup>[14]</sup>, e que batalhavam pela manutenção do sistema democrático nessa região administrativa especial chinesa, tal como inscrito na lei básica, aquando do *handover* de 1997 (HK), refletiu-se em Macau.

A minha relação com Macau foi abalada não diretamente por causa de Macau, mas pelos incidentes graves que ocorreram em Hong Kong. De repente angustiei-me e pensei que era altura de ir embora, HK é demasiado perto e Macau começa a dar sinais de restrições de liberdade de expressão que dantes não eram, pelo menos, tão evidentes. (TF, mulher, jurista, mais de 40 anos).

Além das grandes alterações nas infraestruturas, como o metro de superfície, o novo campus universitário da Universidade de Macau, a nova prisão, um hospital em perspetiva, novos aterros e a construção da ponte Zhuhai-Macau-HK, os entrevistados referem-se a Macau como “casa” (mesmo os que já saíram, mas que tinham vivido na região por muitos anos) e, tal como em 2013, agora continuam a falar num regresso a Portugal, mas sempre sem um horizonte temporal definido.

Em junho de 2019, manifestações marcando os cinco anos do “Umbrella Movement”, voltam a criar distúrbios em Hong Kong, e a situação volta a ter

14. <https://www.theguardian.com/world/2014/sep/30/sp-hong-kong-umbrella-revolution-pro-democracy-protests> (consultado em 10 de fevereiro de 2022).

reflexos cada vez mais sentidos em Macau<sup>15</sup>. Se em 2013, as desilusões com Macau estavam sobretudo relacionadas com o potencial subaproveitado da região, nomeadamente, em termos do ambiente e do exemplo que Macau poderia ser na academia, na cultura e na medicina, em 2021, mais do que desilusão, existe medo relativamente às restrições da liberdade, incluindo a de expressão.

Gradualmente começámos a ver sinais preocupantes — escritores chineses, cancelada a sua participação na Rota das Letras [evento literário] porque não são pró-China, livros que são retirados das bibliotecas, videovigilância em todas as ruas de Macau, câmaras portáteis de reconhecimento facial, vigílias não autorizadas com argumentos frágeis, decisões judiciais claramente sustentadas nos argumentos do governo com fracos fundamentos jurídicos, receios de escutas no telemóvel, colegas com contratos não renovados com base nas suas opiniões pessoais (menos favoráveis ao governo). (D.G, mulher, jurista, com mais de 50 anos)

## 7.2 Comunidade portuguesa de Macau

Por comunidade portuguesa, consideramos, nesta pesquisa, os portugueses nascidos em Portugal, ou eventualmente numa antiga colónia portuguesa, e que emigraram para Macau. Não consideramos neste trabalho, tal como no realizado anteriormente, pessoas pertencentes à comunidade macaense (luso-asiática) ou pessoas que tendo passaporte português não nasceram em Portugal. Isto não se aplica à segunda geração, ou seja, aos filhos dos portugueses entrevistados, que nasceram em Macau.

## 7.3 Autorretrato

As palavras usadas por estes membros para caracterizar a comunidade à qual pertencem são “pequena”, “fechada” e “unida”, se bem que quanto ao último adjetivo, a opinião não é consensual.

É uma comunidade unida. Nas horas em que é mesmo preciso, as pessoas unem-se. Acho que existe um grande sentido de comunidade e solidariedade. (E.T., mulher, licenciada em Direito, com mais de 30 anos)

L.H. não concorda:

Não me parece que haja uma grande solidariedade no âmbito da comunidade portuguesa. Dou um exemplo que me foi contado na última vez que estive em Macau, de férias (novembro

15. <https://www.bbc.co.uk/newsround/49862757> (consultado em 10 de fevereiro de 2022).

de 2019). Tinha aberto há dias uma nova pastelaria portuguesa com doces regionais de Sintra. Dizem-me que houve mais comentários críticos relativos à qualidade dos produtos (e alegada desvirtuação da receita original) do que elogios à iniciativa empreendedora em país estrangeiro e longe da pátria. (L.H., homem, jurista, com mais de 50 anos)

A questão geracional, nomeadamente, a época em que chegaram a Macau é apontada como um fator que dita diferenças na forma de estar dos membros da comunidade. Há algumas datas importantes, como 1999 (*handover*).

Eu vi duas comunidades portuguesas. Antes e depois da transição. (D.G, mulher, jurista, com mais de 50 anos)

Q.T. apresenta uma visão similar:

Sendo que cheguei a Macau com 25 anos e que me dava maioritariamente com pessoas da minha faixa etária, mudou muito. Muitos deixaram Macau, entretanto. Daqueles que ficaram, a maioria acabou por criar raízes estando hoje em comunhão de facto ou casados e com um ou mais filhos. De resto, a comunidade em si continua a ser muito como sempre foi. Uma comunidade pequena com formas bastante diferentes de estar consoante as faixas etárias (ou por gerações de chegada a Macau). Aqueles que chegaram antes de 2000 diferentes daqueles que chegaram no princípio de 2000 e diferentes daqueles que chegaram pós 2011. (Q.T., homem, profissional de hotelaria, com mais de 30 anos)

#### **7.4 Questões de identidade: o que sou, o que faço aqui?**

Quanto ao papel da comunidade na região, a situação parece ter mudado bastante desde 2013. D.G., aquando da sua entrevista na época, dizia sentir-se “pessoa de Macau”. Neste momento, diz sentir-se “imigrante portuguesa” e essa sensação é comum aos outros entrevistados.

Disse em 2013 que me sentia de Macau. Já expliquei alterações recentes que me obrigam a dizer que sou imigrante portuguesa pois é assim que me fizeram sentir. Até 2019 fazia parte de delegações da China a representar Macau, agora as instruções são para só irem chineses. (D.G, mulher, jurista, com mais de 50 anos)

J.B., que esteve em Macau seis anos e saiu em 2020, explica o porquê de sempre se ter sentido imigrante:

Durante o tempo que vivi em Macau sempre me vi como imigrante portuguesa lá. Logo para começar, durante metade da

minha estadia no território estive com “Blue Card”, ou seja, uma autorização de trabalho apenas, nunca senti que pertencesse à terra mesmo. Sempre olhei para a minha passagem por Macau como algo temporário. (J.B., mulher, jornalista, com menos de 30 anos)

Também L.H. já não vive em Macau. Chegou ao território em 2012 e saiu em 2019. Usa o conceito de “português do Oriente” para definir o que era relativamente a Macau.

Em Macau aprendi uma expressão que achei muito bonita, que é o conceito de “portugueses do Oriente” (que ouvi a António Conceição Júnior<sup>[16]</sup>) e gostei sempre de me associar a esse conceito, embora saiba que não se me aplica. Costumava dizer que era imigrante, sobretudo para contradizer a expressão pretenciosa de “expatriado (e aliás tecnicamente pouco correta, do ponto de vista jurídico). Viajei muito enquanto morei em Macau. Recordo que nas terras visitadas, no princípio me apresentava como português, mas mais tarde comecei a apresentar-me mais como cidadão de Macau. (L.H., homem, jurista, com mais de 50 anos)

A comunidade portuguesa de Macau é vista por todos os entrevistados como uma referência histórica. A importância de o ser é que varia consoante a perspetiva de cada um. Q.T. considera que esse papel não confere à comunidade qualquer importância:

Os portugueses são uma memória que ainda não desapareceu de vez, mas só eles próprios ainda não perceberam que já foram esquecidos. E assim será até que mude a lei básica para uma lei chinesa e aí então se perceberá que o fim já não tem como ser adiado. (Q.T., homem, profissional de hotelaria, com mais de 30 anos)

Noutra perspetiva, é este papel histórico que confere a Macau a sua singularidade.

Penso que a importância da comunidade portuguesa em Macau é essencialmente como referência histórica e marco de herança cultural, quase exótica e que confere a singularidade de Macau. Há muitos portugueses que acham que Macau é o que é

---

16. António Conceição Júnior nasceu em Macau, em dezembro de 1951. Licenciado em Artes Plásticas e Design, pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, veio a ser dirigente cultural em Macau desde 1978, responsável por muita da formulação da política cultural do território. <https://hojemacau.com.mo/2019/05/06/palestra-o-patrimonio-desaparecido-revisitado-por-um-macaense/> (consultado em 10 de fevereiro de 2022).

por causa dos portugueses. Eu penso que Macau é o que é por causa de toda a gente que por ali passou, ficou, cruzou e deixou. (L.H., homem, jurista, com mais de 50 anos)

### 7.5 Línguas de acolhimento

No dia a dia todos os entrevistados usam o português e o inglês. Tal como em 2013, as tentativas para aprender cantonês ou mandarim foram rapidamente superadas pelo desinteresse em investir tempo numa empreitada difícil, demorada e, sobretudo, para a qual não têm motivação. O horizonte temporal com que estes imigrantes estão em Macau, mais uma vez, revela-se desmotivador. Pensam que a estadia será curta, que mais dia menos dia voltarão a Portugal ou que sairão para outro país e, muitas vezes, passam-se dezenas de anos e tal não acontece. Como resultado, o arrependimento por não terem aprendido.

Hoje lamento não ter aprendido chinês, a “desculpa”, a acrescentar ao grau de dificuldade, foi a “desnecessidade” porquanto na Administração Pública os portugueses são solicitados a trabalhar em português e quando é preciso há tradução. Acho que foi uma visão bastante reduzida..., mas agora que tenciono ir embora para o ano já não vou aprender. (T.F, mulher, jurista, com mais de 40 anos).

Quanto à importância das línguas de acolhimento no território, o mandarim continua a ser uma língua em expansão; o cantonês, sendo a língua materna da maioria da população, é a mais usada, mas sendo substituída gradualmente pelo mandarim, e o português é uma língua com valor económico e identitário.

[Quanto à importância do] Português é a que a China atribuir (e atribui), o cantonense está a desaparecer, cada vez se houve mais mandarim em todo o lado. (D.G, mulher, jurista, com mais de 50 anos)

A língua portuguesa continua a estar associada à manutenção da identidade de Macau, ao desenvolvimento económico da região, nomeadamente, do turismo cultural, e ao desenvolvimento das relações comerciais entre Macau e os países lusófonos, em especial, Angola.

As autoridades centrais chinesas entendem que a “marca portuguesa” e, sobretudo, a língua são referências que devem ser preservadas porque isso garante a identidade e singularidade de Macau e tem impacto económico, designadamente para a indústria turística. Também por isso, hoje o investimento das autoridades de Macau na preservação, ensino e divulgação da

língua portuguesa assumem uma importância, um peso e um impacto incomparavelmente superiores ao que ocorria sob a administração portuguesa. (L.H., homem, jurista, com mais de 50 anos)

Como refere L.H., Macau, mais do que a cidade do jogo, deve preservar na sua identidade a herança portuguesa, pois é isto que lhe confere características únicas e apelativas para o turismo, apoia o desenvolvimento de atividades culturais e o ensino da língua portuguesa.

Por seu lado, a manutenção da língua portuguesa em Macau é um dos elementos identitários das comunidades portuguesa e macaense.

O papel dos portugueses em Macau hoje é um bocadinho manter essa característica que diferencia a RAEM viva e ela deve ser vista como importante mesmo pelos governantes do território pois é essa característica que aproxima Macau aos Países de Língua Portuguesa, o que pode ser relevante até mesmo em termos económicos, no caso da ligação histórica e cultural não ser suficiente. (J.B., mulher, jornalista, com menos de 30 anos)

No entanto, quem vive há mais tempo no território nota que, apesar de haver mais chineses que querem aprender português, tendo motivações económicas, as gerações mais novas de portugueses, ou seja, as crianças começam a usar cada vez mais o inglês.

É preciso fazer mais em português. Os alunos da EPM [Escola Portuguesa de Macau] falam inglês uns com os outros nos intervalos (não todos, mas a sua maioria); muitos portugueses optam por colocar os filhos em escolas internacionais para que o inglês seja a sua língua materna; há portugueses que falam inglês em casa com os filhos... as traduções do chinês para português, ao nível da Administração Pública, são mesmo muito más... (T.F, mulher, jurista, com mais de 40 anos).

## 7.6 Pandemia

O impacto da pandemia em Macau fez-se sentir no turismo e, conseqüentemente, na quantidade de pessoas nas ruas. Os entrevistados consideram que o governo de Macau agiu bem e rapidamente, ao fechar as fronteiras, determinar o confinamento por duas semanas, e a quarentena obrigatória a quem entrasse no território.

O impacto imediato foi o fecho das fronteiras. Deixámos de receber turistas e por isso as ruas ficaram desertas. Também deixámos de poder viajar como antes (nos períodos em que existem voos, são restritos). Muitas lojas e restaurantes en-

cerraram. Por estarmos aqui fechados há tanto tempo, acho que os residentes tiveram oportunidade de explorar a cidade com outra disponibilidade e perspectiva. Existem regras como usar máscara ou medir a temperatura à entrada dos serviços públicos, eventos, jardins, hotéis, etc. Durante algum tempo não houve eventos, mas felizmente estão a retomar. Ao longo desta travessia, o Governo lançou várias medidas de apoio aos residente e disponibilizou vacinas para a população de Macau. (E.T., mulher, licenciada em Direito, com mais de 30 anos)

O reverso da medalha foi o sentimento de isolamento e a impossibilidade de ver a família alargada. Ainda assim, estes imigrantes consideram que a medida de incentivar o consumo local e impossibilitar despedimentos foi muito positiva.

O facto de não ver a família há quase dois anos. De resto a vida por aqui continua normal, sem poder sair destes 30km<sup>2</sup>, graças às exigências do governo para que as concessionárias não extinguíssem postos de trabalho de locais. (Q.T., homem, profissional de hotelaria, com mais de 30 anos)

Um lado menos visível e mais catastrófico dos efeitos da pandemia é relatado por T.F. A população residente foi protegida, mas o mesmo não aconteceu à população não residente que constitui grande parte dos trabalhadores de Macau, que sofreu enormemente.

É difícil ter uma noção clara desse impacto... pelo que me apercebi muita gente foi despedida na privada, muitos não residentes ficaram sem emprego... participei na ajuda do Banco Alimentar e este Banco Alimentar deu comida a centenas de pessoas Domingo atrás de Domingo. Há fome e miséria em Macau apesar de estar muito escondida... acho que esse foi o principal impacto. (T.F, mulher, jurista, com mais de 40 anos).

## 7.7 Relação com os média

A situação pandémica, as manifestação pró-democracia em Hong Kong e as restrições à liberdade de imprensa em Macau<sup>17</sup> ditam a forma como os nossos entrevistados usam os média.

---

17. <https://www.publico.pt/2021/03/20/mundo/noticia/jornalismo-portugues-censurado-macau-1954703> ▪ <https://www.dw.com/pt-002/orienta%C3%A7%C3%B5es-patri%C3%B3ticas-levam-jornalistas-a-demitirem-se-em-macau/a-57018068> ▪ <https://observador.pt/2021/03/17/associacao-de-macau-sublinha-que-jornalistas-nao-sao-agentes-de-propaganda-politica/> ▪ <https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/jornalistas-acusam-china-de-tentar-censurar-redacoes-de-macau> ▪ <https://expresso.pt/internacional/2021-03-30-Bloco-pede-posicao-firme-do-Governo-sobre-tentativa-de-censura-da-China-em-Macau-52944273> ▪ <https://www.esquerda.net/artigo/bloco-quer-posicao-firme-do-governo-contratativa-de-censura-em-macau/73570>

T.F. diz que deixou de ver televisão devido à saturação de notícias sobre a pandemia, atitude eventualmente comum a tantas outras pessoas em todo o mundo.

Houve uma altura em que sempre que ligava a televisão lá estavam os números de infetados, recuperados e mortos, sempre, a toda a hora, relativos aos países do mundo. Deixei de ver o telejornal, deixei de ler os jornais, afastei-me. E não é falta de empatia ou compaixão (...) O papel dos média em Macau ou em qualquer outro lugar do mundo devia ser informar e educar (...). (T.F, mulher, jurista, com mais de 40 anos).

Como nenhum dos entrevistados domina o cantonês ou o mandarim, todos usam apenas os meios de comunicação veiculados em português e em inglês. Embora a Lei Básica de Macau estabeleça a liberdade de expressão e de imprensa, é claro para estes imigrantes que o jornalismo que hoje é feito em Macau passa pelo crivo das autoridades chinesas.

De uma forma bastante crua, e falando somente dos meios portugueses e ingleses, cabe-lhes simplesmente relatar o dia a dia local, umas poucas notícias internacionais de maior relevância, sem nunca entrar em conflitos com as questões sensíveis que à China dizem respeito. (Q.T., homem, profissional de hotelaria, com mais de 30 anos)

Sendo este o contexto atual, o papel dos jornalistas de Macau revela-se cada vez mais importante:

Existe um clima de receio e de algum modo implícito de que se tem de ser patriota. Críticas ao governo ou ao governo chinês não são bem-vindas. A situação de perseguição e a condenação de donos de jornais e jornalistas em Hong Kong criam um clima de receio na população local. (D.G, mulher, jurista, com mais de 50 anos)

Mas terá efetivamente mudado o modo de viver em Macau nestes últimos anos, devido à intervenção direta do governo no jornalismo que é feito na região?

O modo de viver não mudou. A posição da China é natural. Macau não é uma democracia. Que os jornais não são livres de opinar ou de abordar assuntos sensíveis a seu bel-prazer já se sabia há muito tempo. Nos últimos tempos o governo tem-no simplesmente tornado política mais oficial. Mas quem o estranha não deve andar atento ao que se passa e ter pouca noção do local em que vive. (Q.T., homem, profissional de hotelaria, com mais de 30 anos)

### 7.8 Segunda geração

Três dos entrevistados tiveram filhos em Macau, agora em idade adolescente ou pré-adolescente. À pergunta sobre o que são os seus filhos, todos respondem “portugueses de Macau”. Q.T., embora não tendo filhos, responde de forma clara “*hipoteticamente falando seriam portugueses e cidadãos de Macau. Só seriam macaenses se a mãe fosse macaense ou chinesa*”.

A resposta à pergunta sobre se consideram os filhos integrados é mais complexa. E.T. responde “*completamente*”. As duas filhas mais velhas falam português, inglês e mandarim, e o mais novo está ainda a aprender esta língua.

Já T.F. pensa num regresso ao país de origem já no próximo ano e, talvez não por acaso, revela que os filhos estão ansiosos por viver em Portugal. Quanto a integração, tem as suas dúvidas, sendo que o não saberem falar chinês e a forte ligação à família alargada possam ser explicações:

Não sei... considero que têm o seu espaço e que aproveitam o que Macau lhes oferece da melhor maneira que podem, não se sentem melhores nem piores que os outros, não falam chinês, a língua não lhes desperta curiosidade nem simpatia, e quando perguntamos por missões, sonhos, projetos, não passam por Macau... A EPM tem um horário ridículo de sobrecarregado sobre-lhes pouco tempo para outras atividades... não se sentem turistas, mas não os sinto muito enraizados... talvez seja só impressão minha.... (T.F, mulher, jurista, com mais de 40 anos).

A entrevistada há mais tempo em Macau, D.G., considera os filhos integrados, porém “*na comunidade portuguesa e internacional*”, já que não falam mandarim nem cantonês.

## 8. Conclusões

Oito anos passaram desde a primeira pesquisa que efetuei neste território. À época, identifiquei dois acontecimentos que haviam marcado a comunidade na história recente: a devolução de Macau à pátria-mãe, a China, e a crise económica de 2008, que fez muitos portugueses regressarem ou escolheram a região como destino de emigração.

Em 2021, antes de iniciar a pesquisa, tinha, à partida, um evento evidente que marcaria indelevelmente todo o mundo, a pandemia de COVID 19. No entanto, apesar de este ter sido um dos maiores abalos a afetar Macau, durante a pesquisa, percebi que, ainda antes, um outro, mais acima no rio das Pérolas, viria a ter os seus reflexos ali - as manifestações do “Umbrella Movement”, iniciadas em Hong Kong, em 2014. A luta pela manutenção da democracia nesta região administrativa especial continua e a repressão revela-se cada vez mais

forte. No dia 30 de julho de 2021, foi ditada a primeira sentença no âmbito da lei de segurança nacional, imposta em Hong Kong em junho desse ano, na sequência dos protestos antigovernamentais e pró-democracia, que em 2019, nas celebrações dos cinco anos do “Umbrella Movement”, voltaram a agitar a região<sup>18</sup>. Esta lei, que tem como pena a prisão perpétua para casos de secessão, ou defesa da independência do território, subversão, terrorismo ou conluio com forças estrangeiras, fez assim o seu primeiro condenado, um jovem de 24 anos, a quem foi aplicada a pena de nove anos de prisão por incitar à independência do território. No dia 1 de julho, um dia após a entrada em vigor, carregava numa moto uma bandeira negra, onde se podia ler “Libertem Hong Kong: revolução do nosso tempo”.

Em consequência do que tem vindo a acontecer em Hong Kong, os entrevistados nesta pesquisa revelam sentir uma maior restrição à liberdade e um aproximar de Macau aos valores nacionalistas chineses. Também relativamente à liberdade de imprensa, embora esteja consagrada na Lei Básica, cada vez mais se sente a presença ativa do governo no controlo do trabalho jornalístico.

O papel da comunidade portuguesa em Macau, a forma como os entrevistados se veem, mudou devido às alterações na conjuntura: mais do que nunca, dizem sentir-se “imigrantes”, quando em 2013, os mesmos se diziam “pessoas de Macau”. Isto tem reflexo direto no grau de integração. Como refere Berry (2020), *“A integração só pode ser escolhida com sucesso por grupos não dominantes, quando a sociedade dominante é aberta e inclusiva na sua orientação para a diversidade cultural”*. Em 2013, as alterações à conjuntura passavam ainda pelo *handover*, em 1999, e pela crise económica em Portugal:

A comunidade portuguesa, à semelhança do que acontece com Macau, tem passado desde 1999 por transformações que resultam da nova conjuntura da região — que passou de um governo português a um governo chinês e que liberalizou o negócio do jogo — e, também, da conjuntura europeia e da portuguesa em particular — de crise económica. A identidade da comunidade está em redefinição. Mais do que se classificar como uma comunidade tradicionalmente fechada ou que recentemente se tem vindo a tornar uma comunidade que tenta uma nova maneira de estar na sociedade local, visando uma maior integração, um maior contacto com as comunidades locais, a comunidade portuguesa é um pilar identitário de Macau, e simultaneamente, a sua identidade tem como fundamento o seu papel histórico no território. (Branco, 2017)

18. <https://sicnoticias.pt/mundo/2021-07-30-Lei-da-Seguranca-em-Hong-Kong.-Jovem-de-24-anos-foi-condenado-a-nove-anos-de-prisao-0a928055> (consultado em 1 de agosto de 2021).

Agora, juntam-se a pandemia e os acontecimentos em Hong Kong, no que respeita à sociedade de acolhimento. Mas, como refere Berry (2001, 2008), “a estratégia de integração é a opção quando há um interesse tanto na manutenção da sua cultura original como nas interações diárias com outros grupos da sociedade de acolhimento”. Se por um lado, o interesse e o sentimento manifestado pela cultura de destino tem sido afetado, por outro, a ligação ao país de origem, Portugal, também o tem, devido, sobretudo, à pandemia. Em 2013, constatava que se os imigrantes:

Mesmo vivendo numa sociedade muito diferente, conseguem ter em paralelo uma vida mais próxima à que tinham na origem, a necessidade de integração é menor. Esta constatação foi feita na comunidade portuguesa e envolve vários elementos. Primeiro, em Macau, pelo facto de a região ter sido administrada por Portugal até muito recentemente, a forma de vida adotada pelos portugueses no território durante o período de administração portuguesa, e que procurava ser feita à imagem do que acontecia em Portugal, ainda pode ser mantida em muitas áreas, que vão desde as leis, à utilização do português no funcionalismo público, às tabuletas com indicações em português que se veem no território. Segundo, pelo poder económico que os elementos desta comunidade conseguem ainda alcançar por trabalharem em Macau podem, se quiserem, viajar para países onde podem ter mais contacto com elementos da cultura ocidental ou mesmo para Portugal. Alguns dos imigrantes vão a Portugal, no mínimo, duas vezes por ano. (Branco, 2017)

Devido à pandemia, isto deixou de ser possível. Assim, não só a ligação à sociedade como um todo tem sido abalada, a manutenção da ligação a Portugal, também. Isto faz com que o grau de integração e, mais do que isso, o sentimento de se sentirem integrados, tenha diminuído nestes oito anos.

Finalmente, quanto às línguas de acolhimento, também se verificou uma alteração relativamente a 2013. Embora a língua inglesa continue a ser a mais utilizada nas relações sociais entre pessoas de comunidades diferentes, o que é facilmente explicado com o facto de estes imigrantes continuarem a não aprender as línguas chinesas, verifica-se cada vez mais o uso do mandarim, língua oficial de Macau e de toda a China, nas relações profissionais.

Data de receção: 10/02/2022

Data de aprovação: 22/06/2022

## Referências

- Berry, J. (2020). How shall we all live together? In C. K. S. Safdar (Ed.), *Wiser world with multiculturalism: Proceedings from the 24th Congress of the International Association for Cross-Cultural Psychology*.
- Berry, J. W. (2001). A Psychology of Immigration. *Journal of Social Issues*, 57, pp. 615-631.
- Berry, J. W. (2008). Globalisation and Aculturation. *International journal of intercultural relations*, 32, pp. 328-226.
- Berry, J. W., & Sam, D. (2006). Contexts of acculturation. In S. & Berry, *Theories, Concepts and Methods* (pp. 27-42).
- Bourdieu, P. (1991). *Language & symbolic power*. (J. Thompson, Ed.) Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Branco, I. (2014). Língua de acolhimento e integração: o caso da comunidade portuguesa em Macau. *IV Congresso Internacional da Associação Internacional de Linguística do Português (AILP)*, 3 a 5 de dezembro. Macau: Universidade de Macau.
- Branco, I. (2017). A comunidade portuguesa de Macau: integração e língua de acolhimento. *Daxiyangguo – Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos*(22). doi:http://ioriente.iscsp.utl.pt/concluidos/itemlist/category/58-n-22
- Cabral, J. d. (1994). A complexidade étnica de Macau. *Revista de Cultura*.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O Inquérito – teoria e prática* (2.<sup>a</sup> ed.). Oeiras: Celta Editores.
- Grosso, M. J. (1999). Macau, identidade multilingue. *Camões: revista de letras e culturas lusófonas*, pp. 96-101.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Sam, D. L., & Berry, J. W. (2010). Acculturation : When Individuals and Groups of Different Cultural Backgrounds Meet. *Perspectives on Psychological Science*, pp. 472-481.

## Sobre a autora

INÊS BRANCO é professora convidada na Universidade de Coimbra e no Instituto Politécnico de Leiria, nas áreas de Português Língua Estrangeira e de Comunicação e Média. É doutorada em Ciências da Comunicação e mestre em Língua e Cultura Portuguesa. Entre 2013 e 2015, viveu em Macau, onde lecionou na Universidade de São José, nutrindo um interesse especial pelos estudos sobre esta região.

[ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1234-1411>]

**About the author**

INÊS BRANCO is a guest professor at the University of Coimbra and at the Polytechnic Institute of Leiria, in the areas of Portuguese as a Foreign Language and Communication and Media. She holds a PhD in Communication Sciences and a Master's in Portuguese Language and Culture. Between 2013 and 2015, she lived in Macau, where she taught at the University of Saint Joseph, nurturing a special interest in studies on this region.

[ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1234-1411>]